

# **“QUEM PARTE, PARTE CHORANDO. QUEM FICA, CHORA DE DOR!”: MEMÓRIA DOS SOLDADOS DA BORRACHA EM TIANGUÁ – CEARÁ (1942 – 1945).**

## **“ANYONE WHO LEAVES, LEAVES CRYING. WHO STAYS CRY IN PAIN!”: MEMORY OF RUBBER SOLDIERS IN TIANGUÁ – CEARÁ (1942 – 1945).**



**LUCIANO RODRIGUES DA COSTA <sup>1</sup>**

### **Resumo**

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial motivou a migração de milhares de nordestinos em busca de melhorias nas condições de vida para a região amazônica. O recrutamento de homens para exploração do látex na Amazônia brasileira, executado pelo governo Vargas, serviu de “solução” efêmera para problemas sociais no nordeste causados pela seca que historicamente assola a região. O presente trabalho busca dar notoriedade a memória daqueles que vivenciaram a mata enfrentando o chamado “Inferno Verde”, sobretudo, aqueles que partiram da cidade de Tianguá, norte do Ceará, onde havia um ponto de apoio chamado Pouso, devido à posição estratégica para chegar a Amazônia, tudo partindo do recrutamento feito pelo governo de Getúlio Vargas, através do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), órgão responsável pela dinâmica migratória desse período.

**Palavras-chave:** Amazônia. SEMTA. Soldados da borracha. Tianguá.

### **Abstract**

The Brazilian participation in World War II motivated the migration of thousands of northeastern people in search of improvements in living conditions to the Amazon region. The recruitment of men to explore latex in the Brazilian Amazon, carried out by the Vargas government, served as an ephemeral “solution” to social problems in the northeast caused by the drought that has historically ravaged the region. The present work seeks to highlight the memory of those who experienced the forest facing the so-called “Green Hell”, especially those who left the city of Tianguá, northern Ceará, where there was a support point called Pouso, due to the strategic position to get there. the Amazon, all starting from the recruitment made by the government of Getúlio

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Bolsista CAPES; Especialista em História e cultura africana e afro-brasileira pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Vargas, through the Special Service for the Mobilization of Workers for the Amazon (SEMATA), the body responsible for the migratory dynamics of that period.

**Keywords:** Amazon. SEMATA. Rubber soldiers. Tianguá.

## Introdução

Como historiadores, sabemos da relevância de nossa atuação para a sociedade, pois, entre outras possibilidades, podemos ajudar a construir um discurso científico capaz de trazer à luz fatos sobre determinado grupo social, por exemplo, normalmente estranhos e/ou desconhecidos, dando-lhes o devido protagonismo histórico, mesmo em suas adversidades, erros e acertos. Nesse sentido, a indagação de Bloch (1997) continua atual e pertinente:

Se a história, não obstante, para a qual nos arrasta assim uma atração quase universalmente sentida, só tivesse isso para se justificar, se fosse apenas, em suma, um amável passatempo, como o *bridge* ou a pesca, valeria a pena todo o esforço que fazemos para escrevê-la? (BLOCH, 1997, p. 44).

Encontra-se aí, o relevante papel que a história da pesquisa sobre os soldados da borracha proporciona. O conhecimento sobre as vicissitudes dos imigrantes levados a “combater” na Segunda Grande Guerra Mundial, mesmo sem ir ao front ou sair de seu próprio país.

O próprio Bloch (1997), discorrendo sobre a legitimidade de se estudar, aprender e fazer história, entende que de nada adianta um esforço para lhe tornar pública e disponível para a sociedade, se esse esforço não for feito com paixão e seriedade. A consciência de que, ao investigar o passado, utilizando fontes fidedignas como aparato fundamental do historiador, trará desdobramentos que ultrapassarão a esfera da escrita, é um fato irrefutável.

O resultado dessa pesquisa servirá para aguçar a crítica em relação aos soldados da borracha, objeto desse estudo, e se mostrará firme na realidade dessa população importante de nossa sociedade e história. Esse tipo de abordagem pode determinar novos rumos à historiografia, corroborando o que diz a professora Laura Antunes Maciel:



[...] é fundamental refletirmos sobre as condições históricas em que se constituíram muitas das premissas que embasam nosso trabalho e, também, sobre o papel que nossa atividade profissional tem na vida política e social, pois de nossas práticas resultam a definição do que lembrar e esquecer, o que preservar ou o que destruir, o que ensinar ou o que deixar de fora dos programas de ensino (MACIEL, 2006, n.p.).

É com essa perspectiva que nos debruçamos em estudar essa parte, um pouco obscura da história brasileira, nos reportando, em conjuntura global, ao período da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, fatalidade que marcou a história humana pelas conhecidas catástrofes provocadas, inicialmente, por ideais de conquista, segregação e extermínio, em especial pela Alemanha Nazista de Adolf Hitler.

Referente à participação do Brasil nesse conflito, percebe-se os claros interesses de apoio aos Estados Unidos da América, ligados também à política do Pan-americanismo - união mútua entre os países das Américas com a finalidade de defesa e de interesses econômicos, sobretudo dos Estados Unidos da América aos moldes da Doutrina Monroe (MINELLA, 2011; KUHN; ARÉVALO, 2016).

Nossa pesquisa se inicia em um cenário macabro, de proporções mundiais, mas que, mesmo acontecendo muito longe de nossas fronteiras, teve repercussões importantes na vida de muitos brasileiros, sobretudo os sofridos nordestinos, levados à uma guerra que não era deles, mas que, infelizmente, necessitava de suas fortalezas e conhecida resiliência.

### **Nordeste, migração e política Vargasista**

O real interesse em retratar esse período, como já antecipado, se deve à migração de nordestinos, de início, para o Sul do país, principalmente, em virtude do grande sofrimento com as costumeiras secas, buscando melhores condições de vida e emprego, com o sonho de ver suas famílias e parentes mudarem de vida, como sugere Guillen (2001):

Apesar de ser uma figura recorrente no nosso imaginário social - quase podemos ver, como num antigo filme dos anos cinquenta, o migrante nordestino dentro do "pau de arara", lotado de retirantes, expulso pela seca, perseguindo o sonho de uma vida melhor no Sul Maravilha -, não podemos deixar de apontar o aparente paradoxo de sua ausência na historiografia, e perguntar por que os movimentos migratórios tão pouco interesse provocaram nos historiadores. Sem sombra de dúvidas, pode-se representar os movimentos migratórios oriundos da região nordeste do Brasil através da imagem metafórica da diáspora; ao mesmo tempo, talvez fruto da dispersão





que a caracteriza, em torno deles há uma invisibilidade histórica. (GUILLEN, 2001, p. 1).

Essa invisibilidade histórica do imigrante nordestino ganhou um “outro olhar”, devido aos interesses no envio de homens para a Amazônia. É com essa realidade e com a participação da nação brasileira na guerra que aconteceu essa migração que modificou, novamente, o cenário social do país, sobretudo o nordestino.

Enquanto os soldados da FEB (Força Expedicionária Brasileira) se dirigiram para a Europa, para combater na guerra, dando sua vida e o melhor de sua capacidade em dos Aliados, no Brasil, outros “soldados” também se deslocaram de suas regiões para combater numa guerra que deixaria marcas profundas e definiria o rumo e a história de várias famílias. Na verdade, sabemos, hoje, que não definiria nenhum bom rumo, pois muitos morreriam ou entregar-se-iam ao esquecimento dentro de um “campo de batalha” onde o(s) principal(pais) inimigo(s) não portaria(am) armas de fogo e, sim, armas da natureza, de difícil combate, principalmente sem contar com uma estrutura capaz de recebe-los com o mínimo de conforto e salubridade.

Esses homens, movidos por um ideal de mudança e novas oportunidades, encontraram no chamamento apelativo do governo brasileiro, através do Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – SEMTA, órgão responsável pelo recrutamento dessas pessoas, uma chance de sobreviver à fome e à miséria.

Figura 1 – Recrutamento dos soldados da borracha.



Fonte: [https://aventurasnahistoria.uol.com.br/media/uploads/segunda\\_guerra/008a0abc-0658-4ea0-a5c7-ba180bd76207.jpg](https://aventurasnahistoria.uol.com.br/media/uploads/segunda_guerra/008a0abc-0658-4ea0-a5c7-ba180bd76207.jpg).



Chegando à Amazônia, esses imigrantes dedicariam seu tempo e suas vidas na extração do látex, que viria a se tornar a borracha que seria usada por inúmeras tropas na Segunda Guerra Mundial.

A grande maioria dos imigrantes nordestinos que deixavam sua terra como consequência da seca e emigravam para a Amazônia ou São Paulo (destino mais frequente do Sul) não tinha esse objetivo no início de suas viagens. Deixar a terra, literalmente, era o início da busca de socorros no litoral. (SECRETO, 2007, p. 54).

Como expressão de tudo o que se costumava relatar sobre a imagem negativa do Nordeste, a seca surge como um dos motivos principais para o recrutamento de homens no projeto de extração de látex na Amazônia brasileira. Essa questão, trabalhada pela Profa. Dra. María Verónica Secreto, compõe uma rica discussão e análise sobre as causas definidoras desse período histórico, salientando, mais ainda, aquilo que se convém debater neste trabalho. Segundo essa autora:

A grande maioria dos imigrantes nordestinos que deixavam sua terra como consequência da seca e emigravam para a Amazônia ou São Paulo (destino mais frequente do Sul) não tinha esse objetivo no início de suas viagens. Deixar a terra, literalmente, era o início da busca de socorros no litoral. (SECRETO, 2007, p. 54).

Os interesses dos imigrantes em aceitar ir para a Amazônia estavam diretamente ligados à questão econômica, na esperança vendida pela propaganda governista de enriquecimento e proteção; espalhava-se que a Amazônia era a segura terra da fartura e das oportunidades.

Figura 2 – Cartaz de propaganda.





Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/05/batalha-da-borracha/>

Segundo Maria Helena Capelato (1998, p. 36), “a principal referência e objetivo da propaganda é trabalhar com elementos de ordem emocional. [Nesse sentido] [...] a Amazônia era então apresentada como terra de possibilidades para aqueles que não tinham opção alguma”.

Segundo Maria Verónica Secreto, “a propaganda para recrutar trabalhadores explorou alguns elementos do imaginário, dos desejos e das emoções, por meio de símbolos e de um discurso direto e apelativo”. (2007, p. 73). A partir do modo como foi divulgada a campanha da borracha, foram despertados o interesse e o sentimento patriótico de atender ao clamor do governo. O despertar do nacionalismo presente através do sentimento de brasilidade foi aguçado, evidentemente, somando-se a outros tantos objetivos pessoais de todos os envolvidos.

Figura 3 – Propaganda para alistamento.





Fonte: <http://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/05/batalha-da-borracha/>

Sabe-se que as diferenças geográficas brasileiras permitem que se desvelem muitas questões sociais e políticas; muitas dessas diferenças se devem às dimensões continentais do país, fazendo com que cada região experimente uma história diferente de desenvolvimento, com regiões mais ricas e desenvolvidas, como o Sudeste e o Sul, e, outras, como o Norte e o Nordeste, menos favorecidas por investimentos e mais sujeitas aos caprichos da natureza, como no caso da seca nordestina. A partir dessa realidade, o país vivenciou uma série de movimentos migratórios, a maioria motivada pela necessidade de sobrevivência, como as ondas de imigração do Norte e Nordeste em direção ao Sudeste, principalmente.

Entretanto, o interesse em manter o comércio entre os sertões e os grandes centros urbanos mobilizou projetos de povoamento desses espaços, procurando também integrar as diferentes partes do território. Uma dessas políticas foi a chamada “Marcha para Oeste”, no período do Estado Novo (1937 – 1945) promovida durante o governo de Getúlio Vargas. O discurso de integração, enquanto nação, se mostra bem presente em um Brasil dividido entre o sertão, de um povo sem instrução, e os grandes centros urbanos, isolados e centralizados no litoral. Maria Verónica Secreto faz uma analogia desse momento com o Bandeirantismo que ocorreu entre os séculos XVI e XVIII no Brasil, visando o alargamento das fronteiras, a descentralização político-econômica do





litoral em relação ao sertão (2007, p. 17). Nesses lugares, a presença, praticamente inexistente, de quaisquer investimentos governamentais, provocou a submissão de muitos aos que detinham alguma influência e prestígio político, os chamados Coronéis (FORTUNATO, 2000). Contudo, a figura de um líder político maior aparece como algo emblemático, já que este se coloca como o representante legítimo da nação, mesmo que este conceito vá sendo construído ao decorrer do tempo.

Nesse sentido aparece a figura de Getúlio Vargas, provocando sentimentos de aversão por parte de uns e de total simpatia por outros, devido a afeição que despertava nas classes populares (SILVA, 2019). Todos esses mecanismos e formas de relação interpessoais são expressos pelo fenômeno do populismo (RASOTO, 2009; FERREIRA, 2001). Vargas consegue atenção e apoio da sociedade para alavancar o desbravamento da Amazônia, e passa, a partir do aparato de comunicação do governo, a convocar os nordestinos para participar da campanha da borracha, que se baseava, principalmente, no esquema de recrutamento de mão de obra previsto nos acordos com os EUA (SECRETO, 2007, p. 22; 70)

Ainda acerca do programa getulista da “Marcha para Oeste”, Maria Verónica Secreto, em entrevista concedida ao repórter Laércio Ricardo, do jornal *Diário do Nordeste*, na edição de 24 de junho de 2007, afirma que:

O governo Vargas incluía o Norte no seu programa de colonização, de ocupação dos “espaços vazios” e da criação da pequena propriedade. Todo o programa “Marcha para o Oeste” tinha por finalidade expandir as fronteiras internas e, portanto, criar mercado e deter as migrações entre os sertões e os grandes centros urbanos do litoral – movimento que os intelectuais do governo consideravam contrário “à natureza” histórica do Brasil. Com respeito ao Norte, Vargas dizia que seus habitantes seriam “incorporados ao corpo da nação”, sendo necessário adensar o povoamento, incrementar o rendimento agrícola, aparelhar os transportes. Até o momento, segundo Vargas, o caluniado clima amazônico tinha impedido que partissem contingentes humanos de outras regiões com excesso demográfico. Somente o nordestino, com o seu “instinto de pioneiro”, poderia se embrenhar pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvestre. (SECRETO, 2007).

É importante salientar que o comércio da borracha na Amazônia teve seu início em meados do século XVIII, quando sertanistas se interessaram pelo “leite da siringa”, e as primeiras exportações foram feitas para Portugal e Inglaterra (UFPA, 1966, p. 195). No entanto, no primeiro auge da produção da borracha, fim do século XIX, a história amazônica vai se deparar em constante dinâmica de pessoas em busca de melhores





condições de vida. Esse contexto ocorre tanto internamente, quanto fora, principalmente, pelos flagelados da seca nordestina ou outros migrantes em busca de riquezas. A primeira transformação estrutural da Amazônia ou sua “colonização” inicial se dá pela introdução em massa do “sangue novo” nessa sociedade; e isso muito se deve aos migrantes nordestinos, sobretudo cearenses. Assim, afirma Lima (1945), um conhecido historiador da região amazônica:

A primeira colonização amazônica foi improvisada com os retirantes das secas do Nordeste, à custa da imigração de famintos incultos, que mais davam a impressão de espectros do que de homens; com o afluxo das grandes levas de flagelados, em condição da miséria fisiológica e na indigência dos mais rudimentares recursos de civilização. (LIMA, 1945, p. 179).

Embora nossa pesquisa nos leve a pensar num âmbito regional de maior alcance, pois o fato histórico foca especificamente no Norte-Nordeste brasileiro, propusemo-nos também a pensar esse recorte da história a partir dos estudos voltados para aquilo que muitos historiadores vão chamar de micro-história, ou ainda, em outros termos, a história vista de baixo, centrando de igual modo os soldados da borracha, a partir de sua relação com a cidade de Tianguá.

### **Tianguá na rota do SEMTA**

Tianguá, no Noroeste do Estado do Ceará, dista de Fortaleza (a Capital) cerca de 320 km. Situada na Serra da Ibiapaba, divisa com o Estado do Piauí, Tianguá tem sua parcela no recrutamento desses soldados, isso por causa da posição estratégica na ligação do Estado do Ceará com a região Norte do Brasil, através da Rodovia BR-222, colocando a cidade na rota territorial do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA).

Segundo dados de 1950, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1959, p. 536), o município de Tianguá, à época, contava com uma população estimada em 20.989 habitantes, entre os que se encontravam tanto na sede do município quanto os que moravam na zona rural. Sua economia era baseada na agricultura, no plantio de cana-de-açúcar (transformada posteriormente em aguardente), café, frutas e



hortaliças também faziam parte da produção local; segundo Benedito Matias de Souza<sup>2</sup>, a cidade de Tianguá era pequena, se limitando aos arredores da Igreja Matriz. Ainda, segundo o Sr. Benedito, a localidade de Acarape, onde morava, distava muito do centro, estando ligada à cidade apenas pela estrada de rodagem<sup>3</sup>. De acordo com os conhecimentos e experiências dos personagens citados nesse trabalho, como o próprio Benedito Matias de Souza, a principal “atração”, por assim dizer, dos moradores de Tianguá, pelo trabalho nos seringais amazônicos, não correspondia às motivações de outros inúmeros nordestinos assolados pela seca e a consequente precariedade de vida no interior, haja vista que o clima da cidade favorecia uma vida mais amena. É possível observar o caso peculiar da cidade de Tianguá, e das demais cidades da região serrana, que pelas condições geográficas e climáticas da região, embora localizadas no Nordeste brasileiro, marcado historicamente pelos períodos de estiagem, não se tem registros de maiores aflições ocasionadas por secas, pois está situada no cume da “Serra Grande”, como é conhecida a Serra da Ibiapaba, onde há períodos bem definidos de verão (estiagem) e inverno (chuvas).

Ainda de acordo com o relato do Sr. Benedito, sua família foi convidada a ir para a Amazônia, por um dono de seringal, com uma proposta de grandes ganhos através do trabalho na mata. Convencidos pela tentadora proposta, se deixaram levar; as famílias deixavam a roça, no interior do município, e, em alguns casos, até a própria sede, se dirigindo ao Pouso, e de lá seguiam até Teresina e, posteriormente, para a Amazônia, sempre sob a orientação do SEMTA.

Criado em 1942, e com sede em Fortaleza, o SEMTA era subordinado à Comissão de Mobilização Econômica; mais tarde seria substituído, em setembro de 1943, pelo CAETA (Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia). O órgão manteve, em várias cidades, ao longo do percurso entre o Ceará e a Amazônia, pontos estratégicos que serviriam de base para a passagem dos caminhões pau-de-arara, que faziam o transporte dos trabalhadores desde Fortaleza.

Figura 4 – Transporte dos soldados da borracha.

<sup>2</sup> Benedito Matias de Souza, ex-seringueiro, nascido em Tianguá no dia 7 de janeiro de 1930, em entrevista concedida em 23 de junho de 2012, às 17h, na residência do mesmo.

<sup>3</sup> Atualmente, esta estrada corresponde a uma parte da Rodovia BR 222 e da principal avenida da cidade, Av. Prefeito Jacques Nunes.





Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/03/13/soldados-da-borracha-ja-recebem-indenizacoes>

Segundo nos conta o historiador tianguaense, João Bosco Gaspar, os pousos (lugar para passar pousar - descansar) foram criados como pontos estratégicos, ao longo das estradas, segundo a orientação dos engenheiros do SEMTA. Em Tianguá, uma espécie de base de apoio, que funcionou até 1943, se localizava às margens do perímetro urbano, à época, e da, hoje, BR 222, “[...] possibilitou a adesão de trabalhadores de Tianguá à campanha de tentar a vida na Amazônia, com mais facilidade” (SANTOS, 2021, p. 15).

Era da responsabilidade do SEMTA recrutar, em todo o Nordeste, homens e suas famílias para que se dirigissem, por terra, à Amazônia, seguindo uma estratégia militar, como afirma o professor Roberto Conduru:

Durante a Segunda Guerra Mundial, devido ao bloqueio naval alemão que impedia o uso da via marítima, o transporte de trabalhadores do Nordeste para a Amazônia era feito via terrestre [...]. Provenientes da zona da seca, os “soldados da borracha” se concentravam em suas famílias em Iguatu, onde eram feitos o cadastramento e os primeiros exames sanitários, e, passando por Fortaleza – onde eram feitos outros exames -, Sobral, Tianguá, Teresina, Caxias, Codó e Coroatá, chegavam a São Luís. De lá, seguiam por via marítima, sob a proteção da Marinha de Guerra, até Belém, onde eram distribuídos nas regiões de exploração dos seringais. Chefiando o Departamento de Engenharia do SEMTA, Álvaro Vital Brazil elaborou o projeto dos pousos programados a cada 300 ou 400 quilômetros construídos numa situação de emergência (em menos de 30 dias) e com os materiais disponibilizados em cada região, utilizando a palha de babaçu, de carnaúba ou buriti. (CONDURU, 2000, p. 76).

Contudo, é provável que outras formas de recrutamento possam ter ocorrido, como exemplifica o Professor Carlos Augusto Pereira dos Santos, em sua tese de doutorado, dissertando acerca do Porto da cidade de Camocim e sua utilização, em



alguns períodos, em processos migratórios como a ida à Amazônia de diversos camocinenses para extração da borracha. Comprovando essa realidade, trazemos uma ação declaratória de uma cidadã camocinense, em 1986, relacionada a um parente seu:

G. F. L., atualmente em lugar incerto e não sabido, vez que em junho de 1942 saiu de casa, deixando seus pais e irmãos por ter sido convocado pelo ‘SEMTA’, instituição que naquela época recrutava jovens para trabalhar nos seringais da Amazonas que também eram conhecidos como soldados da borracha na época da Segunda Guerra Mundial e nunca deu notícia de vida ou morte, sendo totalmente ignorado seu paradeiro, dada a inexistência de qualquer notícia ou simples informação a seu respeito, por este longo período de tempo.<sup>4</sup>

Como se nota, não apenas por terra teria acontecido o transporte dos soldados da borracha, porém, em sua maioria, os pousos do governo espalhados em várias cidades, foram utilizados como pontos de descanso desses trabalhadores, objetivando, assim, seguir até o seu destino final, a Amazônia. De acordo com João Bosco Gaspar (2009), de Fortaleza até Bragança-PA, existiam 7 pousos (Tabela 2).

Tabela 1 – Pousos por localidade e capacidade.

Nº	Localidade/UF	Capacidade
1	Fortaleza - CE	2 concentrações. Cada uma com capacidade para abrigar 1.200 homens, em locais diferentes;
2	Sobral - CE	1 Pousos com capacidade para 300 homens e 1 concentração para abrigar 1.400 homens;
3	Tianguá - CE	1 Pousos para abrigar 400 homens, com possibilidade de 600 caso fosse necessário;
4	Teresina - PI	1 Pousos para 400 homens e 1 concentração para abrigar 400 homens.
5	Coroatá - MA	1 pousos para abrigar 800 homens;
6	São Luís - MA	1 Pousos para abrigar 1.200 homens e 1 concentração para 1.200 homens, em local diferente;
7	Bragança - PA	1 Pousos para abrigar 600 homens.

Fonte: Gaspar (2009, p. 52).

Instalados em 20 de março de 1943, os pousos, eram compostos por enfermarias e posto para atendimento médico com profissionais da saúde e sanitaristas, que eram responsáveis por prestar assistência médica aos soldados da borracha, além de fiscalizar a alimentação e as condições sanitárias oferecidas a eles (GASPAR, 2007, p. 52). Ainda segundo esse autor, o Pousos de Tianguá funcionou até 20 de setembro de 1943, segundo dados do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), órgão do Governo Federal encarregado de fazer a triagem entre os retirantes, ocasião em que alguns eram

<sup>4</sup> Ação declaratória – Nº 2526. Autora: Angelita Ferreira Fontenele, fl. 2, Ano: 1986. Cx: 114.



descartados por não terem, segundo os médicos, o biotipo exigido; o SESP possuía estreita relação com o SEMTA.

Naquele período, era comum que uma equipe médica ligada ao SESP viajasse entre Fortaleza e São Luís, fiscalizando as condições de funcionamento desses locais. Sobre essa realidade, a professora Lucia Arraes Morales nos apresenta algumas observações constantes nos relatórios feitos por esses profissionais da saúde. Segundo essa autora:

Eles afirmam que em Sobral (CE), Tianguá (CE), Teresina e São Luís o papel higiênico ainda está para ser resolvido. Tal afirmação deixa o leitor entregue à sua própria imaginação. Não significa apenas que os imigrantes se valiam de técnicas usadas na roça, mas também que eram praticadas num espaço onde se concentravam, no mínimo 800 pessoas. (MORALES, 2002, p. 291 *apud* GASPAR, 2007, p. 53)

Além das observações quanto às questões sanitárias, o Morales nos reporta ao momento em que os sertanejos cearenses deixavam seus lares e eram direcionados à outras cidades, como Iguatu e depois Fortaleza, para prosseguirem com exames médicos.

Acerca desse movimento, e para a preparação dos homens que chegariam à Fortaleza, o *Jornal Unitário* (Fortaleza – Ceará), na edição de 08 de janeiro de 1943, traz uma nota do médico representante do SEMTA, Dr. Helder Correia Lima, que diz:

Avisa-se aos ex-guardas do extinto Serviço de Malária do Nordeste e do Serviço Nacional de Febre Amarela, bem como aos enfermeiros legalmente habilitados que se encontra aberta a inscrição para admissão no Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). Os interessados que desejarem inscrever-se serão atendidos todos os dias úteis das 9 às 11 e das 13 às 16 horas à Rua Barão do Rio Branco nº 686.

Podemos notar que a mobilização para o envio de pessoas à Amazônia partia de vários setores da sociedade. O ideal de participação efetiva na luta contra a Alemanha nazista e seus aliados, Itália e Japão, o chamado “Eixo”, era claro e reiteradamente lembrado. Mesmo que a guerra estivesse a quilômetros de distância do Brasil, a participação efetiva, antes, estava restrita somente às questões militares, principalmente para os do sexo masculino, que eram levados a participar do conflito através da FEB (Força Expedicionária Brasileira).

É possível observar esse incentivo à participação, mesmo indireta, na guerra, através de uma intensa propaganda governista para cativar, conquistar e arrebanhar,



para a Amazônia, os moradores de regiões devastadas pela seca e pela miséria. Nesse sentido, Secreto (2007, p. 73) salienta que em outras oportunidades, como na Primeira Guerra Mundial, os cartazes de convocação e recrutamento, ou melhor, de uma chamada à guerra, se utilizavam de figuras icônicas, como a do secretário de Guerra inglês, Lord Kitchener que, em um cartaz, se apresentava com um dedo gigante, em riste, apontando para o espectador; tal método, depois foi copiado pelos Estados Unidos e União Soviética.

Na campanha da “Batalha da Borracha” foram feitos diversos cartazes com frases como: “Cada um no seu lugar! Brasil, para a vitória!” (Figura 5), conclamando à participação na chamada “Batalha da Borracha”, tentando chamar a atenção e fomentar a participação e o convencimento dos trabalhadores, apelando aos seus sentimentos patrióticos, tornando-os personagens ativos nesse processo histórico.

Figura 5 - Cartaz divulgação/Recrutamento.



Fonte: <https://xadrezverbal.com/2015/11/04/economia-de-guerra-propaganda-e-arte-posteres-das-guerras-mundiais/poster-propaganda-brasil-borracha-4/>.

Uma das vertentes do presente trabalho é a análise desse momento da história brasileira a partir da memória daqueles que o vivenciaram. Como já citado anteriormente, da cidade de Tianguá, alguns homens foram mobilizados e levados a participar da dita Batalha da Borracha. Assim, buscamos documentos originais que pudessem nos orientar quanto aos rumos desse trabalho, e os encontramos na Casa da



Memória José Evangelista de Vasconcelos (CMJEV)<sup>5</sup>, em Tianguá. Um único documento encontrado no local, nos deu referências importantes acerca do que esses homens se dispunham a realizar fora da sua terra, ou melhor, a intenção de mudar de vida e auferir riquezas como um soldado da borracha.

Nesse e em outros documentos foi possível conhecer um pouco da história de vários homens que deixaram Tianguá, como o Sr. Raimundo Jatir Portela, cujo contrato de trabalho para extração da borracha está exposto na CMJEV. O referido senhor trabalhou no Seringal Sobral, Rio Juruá, de propriedade de Francisco das Chagas Leopoldo Menezes, no município de João Pessoa-AM, a partir do ano de 1943 ou 1945<sup>6</sup>, sob o número de identificação, 11278. No referido documento é possível observar que existem cláusulas que normalizam o trabalho no seringal, como pode ser observado a seguir em relação às obrigações do contratante:

- O seringalista se compromete a entregar a terra onde o seringueiro fará a exploração, inclusive barraca defumada, que será devolvida;
- O seringalista fornecerá gêneros alimentícios, roupa, medicamento e o sustento financeiro de Cr\$ 150,00 mensais, além de utensílios e ferramentas necessários ao serviço e a extração do látex, inclusive arma e munição de caça; (não é permitido cobrança por parte do Seringalista nos utensílios e fornecimento alimentar, ou qualquer outro acréscimo que gere lucro).

Ainda segundo o contrato, o seringueiro deveria trabalhar seis dias por semana na época da extração ou no período de safra, quando se ocupava de outras atividades dentro do seringal. Toda a borracha produzida era entregue ao seringalista, e depois de registrada era encaminhada ao porto determinado por ele. O seringueiro ficava com 60% do valor da borracha vendida de acordo com o preço em vigor em Manaus ou Belém, onde deveria ser negociada, sendo que todas as despesas de frete, seguro, impostos, taxas e comissões eram de responsabilidade do seringalista.

Também se previa que animais abatidos pelo seringueiro, em caçadas, pertenciam ao seringueiro, bem como as peles. O seringueiro também poderia cultivar

---

<sup>5</sup> A Casa da Memória José Evangelista de Vasconcelos, é um memorial que reúne vários objetos e artigos que ajudam a preservar a memória da cidade de Tianguá. Formado e mantido, principalmente, por doações de particulares, também recebe ajuda financeira da Prefeitura Municipal de Tianguá, para custear parte de sua manutenção.

<sup>6</sup> O estado de conservação do documento e a falta de outros indícios impediram a constatação mais precisa da data.





um hectare de terra, sendo proibida a destruição de castanheiras e seringueiras. Todas as transações entre os contratantes deveriam ser registradas na caderneta fornecida ao seringueiro pelo seringalista; nessa caderneta era obrigatório o registro de débitos relativos aos fornecimentos de mercadorias, utensílios, ferramentas, armas, etc. Na caderneta também constavam, além da identificação do seringueiro, tudo o que era necessário à comprovação de gastos, débitos, custos e despesas, e à porcentagem correspondente à borracha entregue; o seringueiro não poderia abandonar o serviço ou deixar o seringal e passar para outro, sem liquidar contas e obrigações presentes em seu contrato.

### Memória popular

Como exposto no tema deste trabalho, a memória popular é um importante registro histórico e, mesmo que muitas vezes não possa ser, efetivamente, comprovado, pois apresenta uma visão parcial e ou muitas vezes partidária, é uma ferramenta fundamental para a compreensão do que nos propusemos a estudar. Nesse aspecto, nossa pesquisa, possivelmente, estaria limitada e incompleta se não utilizássemos, também, da oralidade. Sobre essa importante ferramenta, Paul Thompson, sociólogo britânico, argumenta que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula a professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Leva a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ela ajuda os menos favorecidos, especialmente os idosos, a conquistarem dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e a compreensão – entre as classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1922, p. 44).

No decorrer deste trabalho, será visto que muitos homens deixaram seu trabalho, seu lar, sua comunidade, tudo o que tinham, em busca de uma melhor perspectiva de vida. E por mais que este seja um trabalho voltado à academia, é no relato desses homens que esse fato histórico, perdido no tempo e sem o devido



reconhecimento, volta a ganhar notas da realidade nua e crua, sem romantismos. Não que a escrita acadêmica seja pautada pela desumanização de seus atores, mas a fala da pessoa comum, sua oralidade, torna o objeto de estudo mais humanizado, mais próximo da própria sociedade, da realidade da comunidade na qual cada um está inserido. Nesse sentido,

a história oral [...] seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma ‘história vista por baixo’ [...], atenta mais às maneiras de ver e sentir, e que as estruturas ‘objetivas’ e às determinações coletivas prefere visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente ‘micro histórica’. (FRANÇOIS, 1996, p. 4).

Como percebemos, a oralidade nos permite trabalhar com elementos humanos que de outra forma, provavelmente, não se achariam incluídos no momento histórico estudado, trazendo uma personalidade fundamental ao discurso proposto. Afinal, para além da questão política de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ou a questão social da seca nordestina, os soldados da borracha foram, ou melhor, são pessoas com histórias comuns, diferentes em suas individualidades, mas que se encontram para tornar aquilo que seria, eventualmente, mais uma migração, em um fato histórico de grande importância. Essa é uma transformação social causada pela memória externalizada através das palavras ouvidas e registradas em pesquisas e em trabalhos que, de outra forma, seria difícil envolver tantas histórias dentro de suas próprias realidades enquanto membros de uma comunidade ou sociedade.

Um dos desafios com o qual nos deparamos ao chegar nesse momento da pesquisa, diz, precisamente, respeito à questão da dificuldade de conseguir informações daqueles que vivenciaram aquela época. Como chegar a essas pessoas sem conhecê-las e sem saber como localizá-las? Isso foi possível graças ao documentário “soldados da borracha”, produzido pelo Professor César Garcia Lima<sup>7</sup>, onde são apresentadas uma série de entrevistas com vários ex-seringueiros, dando, cada um, sua contribuição para que se possa conhecer essa história pouco divulgada. Entretanto, cabe ressaltar que não nos interessa, aqui, realizar um debate metodológico, entendendo que todo o contexto parte da subjetividade de seus atores.

---

<sup>7</sup> Professor César Garcia Lima é jornalista e poeta, doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nascido em Rio Branco, Acre. É professor convidado do curso de Especialização em Jornalismo Cultural da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e, entre outras disciplinas, conduziu aulas de produção de documentário, literatura brasileira e redação para jornal, revista e TV.



Isto posto, algo interessante de se analisar em meio às imagens e a narração do documentário é a parte que trata daqueles inúmeros imigrantes que se perderam no caminho. Muitos tiveram sua vida ceifada dentro da mata por inexperiência e desconhecimento dos perigos da mata, por imunidade deficiente, pois não suportaram as doenças mesmo tendo sido medicados antes de partir; aí se vê a fragilidade do sistema de recrutamento que “organizou” esse processo. O fato é que inúmeros “combatentes” simplesmente se perderam dentro da mata onde se embrenhavam, e que dela não conseguiam mais sair.

Outra informação interessante colhida diz respeito ao termo atribuído ao soldado da borracha: Arigó. Segundo Samuel Benchimol (1945, p. 348), seu uso denominava os imigrantes, principalmente cearenses, que se dirigiram aos seringais, e começou a se difundir entre 1943 e 1945, retratando o indivíduo rústico, matuto, caipira. Sendo assim, sentimos que não podemos deixar que estes importantes personagens se percam na história.

Ainda no documentário do Professor César Garcia Lima, podemos perceber, na fala de alguns, fatos já mencionados anteriormente, e a simplicidade do homem nordestino, trabalhador, que se mostra corajoso quando se trata de motivações familiares ou da melhoria na condição de vida, como pode ser visto em alguns depoimentos dados no documentário, aqui transcritos:

“- Quando a gente foi assinou o contrato, aí o rapaz falou pra gente: Olha vocês vão pro Amazonas... Vão fazer borracha pra defesa da Guerra. Vocês vão ganhar muito dinheiro.” (*sic*) (Manoel Alves Monteiro).

Essa visão positiva em relação ao trabalho que iria ser desenvolvido nos seringais amazonenses estava intimamente ligada à propaganda do governo para recrutar esses trabalhadores.

“- Fui trabalhar. Cortar seringa. Quando foi na hora de tirar o saldo, e cobrar o saldo pra ir me embora, Seu Antonio Sizino, mandou o pistoleiro me matar. Aí eu fugi.” (*sic*). (José Otávio Nascimento).

Esse depoimento demonstra a realidade encontrada pelos seringueiros nordestinos, ao se depararem com um trabalho pesado, em péssimas condições e sem nenhum direito garantido.



“- Lá no Nordeste a gente trabalhava muito também... Até existia seca, muita coisa, mas a gente se arrepende é os conhecidos que a gente tinha naquela época.” (*sic*). (João Ferreira da Silva).

A disparidade do discurso empregado para o recrutamento e a prática empregada nos seringais, causou o arrependimento em muitos dos imigrantes que perderam seus companheiros naquele período.

“- Nós não tivemos direito a quartel. Não tivemos direito a médico. O nosso quartel foi a floresta.” (Victor de Oliveira).

É possível identificar, na fala de cada um, a dificuldade vivida no decorrer desse fato histórico. Todos esses depoentes residem no Estado do Acre, na região Norte do Brasil, concentrando, este Estado, o maior número de soldados da borracha, espalhados por várias cidades. Essa realidade é expressa no jornal *Gazeta do Acre*, onde é possível encontrar uma série de matérias, em diversas edições, acerca dos soldados da borracha. Na edição do dia 22 de junho de 1988, existe um artigo sobre a iminente aprovação de uma pensão vitalícia para esses soldados da borracha, concretizada e informada, dias depois, na matéria intitulada: “Soldados da borracha têm lei em seu favor”, que diz:

No dia 28 de dezembro de 1989 o presidente José Sarnei sancionou a Lei nº 7.986, publicada no Diário Oficial da União do dia seguinte, concedendo aos seringueiros e seus descendentes, que trabalharam durante a Segunda Guerra Mundial nos seringais da Região Amazônica o pagamento de pensão vitalícia correspondente a dois salários mínimos vigentes no país.<sup>8</sup>

Contudo, destacamos no documentário do Professor César Garcia Lima, a fala do Sr. Justino Antônio de Sousa, que, através de sua oralidade, rememora alguns acontecimentos da época, como também o fazem os demais depoentes, que, aqui, transcrevemos:

“Quando eu fui sorteado<sup>9</sup> para ir pra guerra, eu e dois irmãos meus, eles mandaram escolher, quem quisesse ir pra frente de frontaria, ia. E quem não quisesse, quisesse ir pro Amazonas, trabalhar na produção da borracha, (porque) que estavam perdendo a guerra pra Alemanha [...]. Eu fiquei num barracão lá. Lá num dos barracões do seringal “Simpatia”. Eu fiquei lá, e os meus irmãos foram pra seringa. Arrumamos as estradas e tudo pra eles cortarem a seringa e eu fiquei lá, trabalhando na administração com o patrão. Uns 10 anos, eu cortei seringa”. (*sic*)

<sup>8</sup> Jornal *Gazeta do Acre*. **Soldados têm lei em seu favor**. Rio Branco-Ac. 22 de junho de 1988.

<sup>9</sup> Essa expressão “sorteio”, é apenas a uma expressão utilizada pelo mesmo para tratar do momento vivido através do recrutamento.



Sobre seu Justino, o Professor Cesar Garcia Lima, em seu blog na internet dedicado ao documentário, relata:

“No terceiro dia de filmagens fomos à Plácido de Castro, cidadezinha a 1h30 de Rio Branco, em uma das fronteiras do Acre com a Bolívia. Nosso personagem na cidade é Justino Antônio de Souza, 82 anos, cearense de Tianguá, que se alistou como soldado da borracha durante a Segunda Guerra Mundial junto com dois irmãos. Seu Justino teve uma trajetória incomum como seringueiro e, além de extrair borracha, ajudou os patrões a amansar índios e se tornou um ótimo caçador. O trabalho de seu Justino também se estendeu à saúde, e ele se tornou uma espécie de enfermeiro, percorrendo os rios e matas do Acre. Em um dos momentos mais fortes de seu depoimento contou como amputou a perna de um homem picado por uma cobra. E seu Justino, acreditem, ainda canta!”.

Quando os caminhões do SEMTA chegavam a Tianguá traziam consigo uma dura realidade. Muitos dos homens que chegavam ao pouso, em direção à região Norte do país, traziam alguns instrumentos musicais e cantavam a sua saudade e a expectativa de mudança de vida. No decorrer do documentário, já citado, seu Justino volta a relatar:

“Eu sabia de uma música que nós fizemos em Tianguá, quando nós saímos de lá [...]. Uns traziam violão em cima do caminhão, outros traziam sanfona”. [Diz a música:] “Vou-me embora pro Amazonas... Adeus princesa do Norte, adeus! Quem parte, parte chorando, quem fica chora de dor... Adeus, adeus, adeus, todos os *meu amô!* Quem parte leva saudade e deixa saudade pra alguém que fica chorando de dor... Vou-me embora pro Amazonas, e Deus vai me levá...” (*sic*)

Outro relato interessante, dado ao documentarista, é feito por Antônio Tomé Dias, que no documentário aparece mostrando a extração de látex de uma seringueira e cantando uma música referente ao serviço de soldado da borracha. Sobre sua vida no seringal, o Sr. Antônio Tomé diz:

“Cheguei do Ceará com 16 anos de idade. Aí vim por conta própria cheguei na hospedaria Getúlio Vargas, não me alistaram porque eu era de menor. Aí eu vim com atestado de conduta. Quando cheguei aqui no Rio Branco, fui pro Rio Abunã..., trabalhei 17 anos. No Ceará eu era vaqueiro. Quando eu saí de lá vendi 23 cabeças de gado pra vim pra cá, eu vim por conta (*sic*)”.

Antônio Tomé Dias expressa através de uma canção o desejo dos muitos homens que deixaram suas casas, atendendo ao chamado da propaganda do governo, de ajudar o Brasil a ganhar a guerra, de ser vitorioso:

“Vamos partir, vamos partir. Ir para o Amazonas, E vamos todos contritos com Deus. Vamos dar viva ao Brasil! Quem vai dominar os índios sou eu! E vamos todos que somos heróis, que somos heróis”.



Ainda na cidade de Tianguá, onde nasceu em 17 de dezembro de 1918, o remanescente do período da extração da borracha durante a Segunda Guerra Mundial, Francisco Antônio de Souza, conhecido como “Chico Perna”, foi alistado para ir para o Amazonas, em 1943. Numa entrevista concedida ao historiador local, João Bosco Gaspar, “Chico Perna” fala sobre a sua ida à Batalha da Borracha:

“Eu fui em 1943. Eu passei 50 anos lá [...]. A gente vai se misturar com índio brabo, índio manso, cobra, jacaré, onça, e toda qualidade de fera. Então... Eu não, passei uns doze anos, quinze anos, dentro da mata, trabalhando. Nós fizemos um contrato com o governo federal, que era o Getúlio Vargas, pra ir trabalhar no Amazonas na extração da borracha, pra ajudar a vencer a guerra - naquele tempo tava em guerra. você não era nem nascido ainda -, e o país tava em guerra e ele não sabia mais o que fizesse [...] (sic)”.

Acerca da rota terrestre por Tianguá e não pelo mar, ele afirma que por causa da constante ameaça alemã com submarinos e *destroyers* preparados para bombardear qualquer navio, brasileiro ou não, que se pusesse a navegar pelo oceano, o governo brasileiro teve de encontrar novos caminhos para conseguir dezenas de seringueiros até o seu local de trabalho. Francisco Antônio de Souza narra:

“Nós ia pra São Luís do Maranhão. Eles (alemães) ficaram esperando nós, com o *destroyer*, com o submarino. Escutava a conversa e quando era no dia, os caminhões ia pra Sobral, ia pra Tianguá” (sic).

Desde que a guerra terminou, em 1945, e quando não foi mais necessário extrair látex, os soldados da borracha foram esquecidos por parte do governo. Muitos permaneceram nos seringais e redondezas por constituir família ou por condições financeiras adversas, o que motivou o desaparecimento de muitos.

Como citado anteriormente, muitas têm sido as lutas travadas por esses homens para terem reconhecido seu esforço pela nação. Gaspar (2009) cita algumas declarações do Sr. Francisco Antônio de Souza, ratificadas pelo tabelião de Tianguá, o Sr. Luiz Nogueira Lima, em certidão expedida em 25 de agosto de 1977, com o seguinte teor:

ATESTO, a requerimento verbal de parte interessada, para os devidos fins de direito que o Sr. FRANCISCO ANTÔNIO DE SOUZA, brasileiro, solteiro, residente em Tianguá, Estado do Ceará, foi encaminhando à Amazônia, no dia 11 de junho de 1943, por intermédio do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), com sede na cidade de Sobral deste Estado. Atesto ainda que o referido soldado da borracha nº 11.215, seguiu em caminhão para Teresina, Capital do Estado do Piauí, na turma S-31, prosseguindo por via marítima até Belém do Pará, pelo Vapor Comandante Rippe. Atesto finalmente que o signatário deste era o Dr. Canejo, médico do SEMTA no Estado do Ceará, com as funções de aliciar, selecionar, examinar e encaminhar o soldado da borracha a Amazônia.



Tianguá – CE, 25 de agosto de 1977. a) Luiz Nogueira Lima – 1º Tabelião. (GASPAR, 2009, p. 79).

Em 1989 foi estabelecida, pelo governo do então presidente José Sarney, uma pensão vitalícia aos ex-soldados da borracha. Entretanto, nota-se, mesmo assim, que ainda há uma dívida alegada, que diz respeito a todas as vidas ceifadas durante o período em que foram submetidos ao trabalho na mata, e que deixaram muitos lares vazios. Nesse sentido, em 2009 o sindicato dos soldados da borracha de Rondônia, entrou com uma ação judicial pedindo indenização por danos morais e materiais contra o Estado brasileiro e o governo americano. Em 2015, após a votação e aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 78/2014, os soldados da borracha puderam receber a referida indenização<sup>10</sup>.

### Considerações Finais

Pensamos que retratar este momento histórico brasileiro é um desafio para a historiografia, tendo em vista que é algo que ainda carece de maior aprofundamento, envolvendo pessoas que ainda guardam na memória muitas informações ainda não ditas, tanto dos que partiram chorando quanto dos que ficaram e choraram de dor.

Recuperar um pouco desse período a partir das experiências vivenciadas no campo político brasileiro e na memória resgatada e aplicada à história é um dos desafios deste trabalho. Não se trata de uma iniciativa para o surgimento e o engrandecimento de heróis, trazendo-os à vista de todos, transformando-os em atrações locais, mas uma tentativa de lhes dar o devido valor e fazê-los, com toda a justiça, parte importante da história local.

A relevância desta pesquisa, acreditamos, está em apresentar as diversas experiências dos soldados da borracha no estado do Ceará, sobretudo em Tianguá, não raras vezes suprimidas ou mal contadas e perdidas em meio ao imaginário popular, a história oficial, e a que, de fato, ocorreu; nossa sociedade merece e precisa saber da verdade, mesmo que a temática tratada já seja do conhecimento de alguns cidadãos tianguaenses, sobretudo daqueles que já se debruçaram sobre essa história, como o próprio João Bosco Gaspar, diversas vezes citado.

<sup>10</sup> Fonte: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/08/18/pec-antecipa-indenizacao-para-soldados-da-borracha>. Acesso em: 25 jun. 2021.





Não temos a pretensão de que este trabalho seja um marco para a história local, porque temos a consciência de que ainda há muito o que se pesquisar a esse respeito, pois a pesquisa nunca se encerra, ela sempre pode nos levar a outras discussões e percepções, embora partindo de um partindo de um mesmo fato histórico. Tal verdade, explorando outros vieses e olhares, permite uma ressignificação que vai além daquilo que está descrito nos livros de história ou em outras pesquisas, trazendo um significado vivo e novo para uma sociedade.

Esperamos que o assunto aqui desenvolvido fomenta outras pesquisas, já sabendo que deixará, pois a história não é um poço sem fim de possibilidades. As facetas da própria sociedade não são exploradas na sua completude, deixando assim, perspectivas de mais análises e pesquisas. Desejamos que assim seja com a temática dos valorosos soldados da borracha.

**Data de Submissão:** 07/06/2021

**Data de Aceite:** 06/08/2021

### Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena** – Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, Papirus, 1998.

CONDURU, Roberto. **Álvaro Vital Brazil**. São Paulo: Gráfica Cosac e Naify, 2000.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. **XVI volume**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, p. 536.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta M.; MORALES, Lucia Arrais. **Vai e vem, vira e volta** – As rotas dos soldados da borracha. São Paulo. Editora USP, 1992.

FERREIRA, Jorge (org.) **O populismo e sua história** — debate e crítica. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2001.



FORTUNATO, Maria Lucinete. **O coronelismo e a imagem do coronel:** de símbolo a simulacro do poder local. 2000. 227p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280689> Acesso em 17/08/2021.

GASPAR, João Bosco. **Tianguá... Reminiscências da História** – memórias dos soldados da borracha. Sobral: Global Gráfica, 2009.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Seca e Migração no Nordeste:** reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. 2011.

KUHN, Byron; ARÉVALO, Raquel. **A Doutrina Monroe e suas influências:** Impactos nas Américas. 2016. Disponível em: [https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/8848/1/01\\_A%20Doutrina%20Monroe%20e%20suas%20influ%C3%Aancias.pdf](https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/8848/1/01_A%20Doutrina%20Monroe%20e%20suas%20influ%C3%Aancias.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

LIMA, Araújo. **Amazônia, a terra e o Homem.** Rio de Janeiro, 1945.

LIMA, Cesar Garcia. **Soldados da borracha.** Disponível em: [http://soldadosdaborracha.blogspot.com.br/2010\\_07\\_01\\_archive.html](http://soldadosdaborracha.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html) Acesso em: 25 de junho 2021.

MACIEL, Laura Antunes. **O direito ao passado:** memória e cidadania. IX Cidade Revelada - Encontro sobre Patrimônio Histórico. Caderno de resumos do IX Cidade Revelada – Encontro sobre Patrimônio Histórico. Itajaí, Editora Maria do Cais, 2006.

MINELLA, Jorge Lucas Simões. A Segunda Guerra Mundial e o Pan-Americanismo Brasileiro. **Anais** do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308162435\\_ARQUIVO\\_Trabalho\\_presentado.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308162435_ARQUIVO_Trabalho_presentado.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RASOTO, Tálita Jacy. **Getúlio Vargas e o populismo.** 2009. (Monografia) Curso de Especialização em Sociologia Política, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba. 2009.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Entre o porto e a estação:** cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-Ce. 1920 – 1970. 2008. 257 f. Tese (Doutorado em História) Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Camocim, 2008.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. “Serás estropiado, maltratado e triturado na Amazônia”: trabalhadores cearenses na Campanha Nacional da Borracha, zona noroeste do Ceará (1942 – 1945). **Mundos do trabalho.** Florianópolis. v. 13, p. 1-20. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2021.e75447> .



SECRETO, Maria Verónica. **Soldados da borracha:** trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, Adilson Tadeu Basquerote; MENEZES, Eduardo Pimentel. O Pai dos pobres: um olhar sobre a ascensão do populismo de getúlio vargas no estado novo. In: PEREIRA, Denise. CARNEIRO, Maristela (Org.). **História:** diálogos contemporâneos 2. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.p. 145 - 154.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

UFPA. **Desenvolvimento econômico da Amazônia.** Coleção Amazônica - Série Augusto Montenegro. Belém: Imprensa Universitária do Pará, 1966.